

ENTRE O VISUAL E O TEXTUAL: A EXPERIÊNCIA DE LEITURA NA COLEÇÃO DE LIVROS IMAGINÁRIO GÓTICO

Letícia Lima de Barros / UFPE

Guilherme Ranoya Seixas Lins / UFPE

1. RESUMO

Este texto atualiza nossas considerações sobre a experiência de leitura em livros com predominância textual, iniciadas em pesquisa anterior. Aqui, temos a intenção de compreender, através de entrevistas estruturadas, como os leitores da coleção *Imaginário Gótico*, uma coedição das editoras Sebo Clepsidra e Aetia, identificam as conexões entre os conteúdos visuais e textuais dos livros. Nosso artigo se concentra na etapa de entrevistas feitas com os leitores; as perguntas foram desenvolvidas a partir da Estrutura Hierárquica da Atividade (LEONTIEV, 1981) e dos elementos do Diagrama de 2ª Geração de Engeström (1987). Para elaborar o enunciado das perguntas, também consideramos as interpretações que chegamos a partir da análise direta dos volumes da coleção, possibilitadas por um ferramental analítico desenvolvido na primeira etapa da pesquisa, que se utiliza do conceito de narrativa para relacionar o visual e o textual. Entendemos que as questões elaboradas para as entrevistas nos permitiram identificar a intenção pretendida por cada pergunta, mas ainda cabem adaptações nos enunciados e na condução das entrevistas.

Palavras-chave: Design de livros; leitura; literatura.

2. NOTAS INICIAIS

Esta pesquisa é parte de uma dissertação de mestrado que tem, como objetivo, gerar diretrizes para o design de livros com predominância de conteúdo textual que situem a narrativa visual como forma de contar junto com a narrativa textual. Na primeira etapa da nossa pesquisa, construímos uma ferramenta de análise aplicada a livros de literatura baseada nos elementos da sintaxe narrativa destacados por Todorov (2006), Gancho (2002), Carvalho (2012) e Almeida e Nojima (2019), combinados ao ferramental analítico elaborado por Oliveira e Waechter (2019), Farias e Fontana (2019) e Camargo (2016). A versão final de nossa ferramenta de análise inclui a **ficha técnica**, atribuindo a autoria das pessoas que participaram da construção dos livros, **resenha** das obras, **ficha de configuração do livro**, identificando os elementos visuais de capa e miolo dos exemplares (como imagem, cor e tipografia), e a **tabela narrativas**, que sintetiza a relação identificada entre narrativa visual e narrativa textual.

Este artigo se concentra na segunda etapa da pesquisa. Nela, trazemos a participação dos leitores da coleção e consultamos a interpretação deles sobre as conexões observadas entre o visual e o textual através de entrevista estruturada, ampliando os vínculos entre narrativa visual e textual levantados na primeira etapa. Trazer a voz dos leitores, além da visão da pesquisadora e dos envolvidos na construção do livro, é parte relevante do processo de pesquisa para compreendermos como o livro é recebido, quais mensagens esse objeto é capaz de comunicar, como elas podem ser entendidas, se correspondem à intenção inicial de seus autores e se são capazes de estimular significados paralelos, dentre outras possibilidades. O leitor é parte do ciclo de vida do livro e, além de olharmos diretamente para os exemplares, também é importante entender a perspectiva das pessoas às quais os livros se destinam.

A coleção que utilizamos em nosso estudo é uma coedição das editoras Sebo Clepsidra e Aetia e se dedica a publicar títulos pioneiros da

ficção gótica, inéditos ou pouco editados no Brasil, originalmente escritos nos séculos XVIII e XIX. O lançamento dos livros da *Imaginário Gótico* – que, atualmente, inclui quatro volumes: *O Aparicionista*, *O Necromante*, *O Vampiro* e *Fantasmagoriana* – foi viabilizado por campanhas de financiamento coletivo e entendemos que esse processo inclui a participação ativa do leitor conforme conteúdos extras (textos e decisões do projeto gráfico) são liberados a partir da contribuição dos apoiadores da campanha. Ambas as editoras responsáveis pela coleção se colocam como independentes e compreendemos esse perfil conforme a leitura de Soares (2020), que posiciona, como um dos aspectos que norteiam os livros *indie*, a publicação de textos que não encontraram espaço em grandes editoras. Embora os títulos publicados pela *Imaginário Gótico* tenham, em média, 200 anos, ainda não haviam recebido atenção no mercado editorial brasileiro hegemônico, mesmo que essas obras contenham características que viriam a influenciar a ficção gótica posterior.

Estruturamos nosso artigo de modo a:

- Apresentar os procedimentos anteriores à entrevista (formulação das perguntas, busca pelos leitores);
- Discutir parte das respostas obtidas com as entrevistas a partir do tratamento das informações coletadas;
- Refletir sobre a coerência entre as impressões trazidas pelos leitores e a intenção das questões integrantes da entrevista.

3. PROCEDIMENTOS ANTERIORES À ENTREVISTA: ELABORAÇÃO DE PERGUNTAS E BUSCA POR LEITORES DA COLEÇÃO

Desenvolvemos as perguntas integrantes da entrevista estruturada a partir da Estrutura Hierárquica da Atividade (LEONTIEV, 1981), associadas aos elementos do Diagrama de 2ª Geração de Engeström (1987), e, para chegar aos enunciados, desdobramos a atividade de leitura em ações e operações. Essa divisão nos permitiu identificar temas em comum entre ações e operações, que chamamos de **grupos temáticos** (eles abordam partes da experiência de leitura, como a **materialidade**, que se relaciona à percepção dos elementos gráficos do livro, ou a **imersão**, que diz respeito ao envolvimento do leitor com a leitura e as conexões que ele identifica entre o visual e o textual). A partir disso, pudemos desenvolver as questões integrantes das entrevistas, que aplicamos em um estudo piloto desenvolvido em artigo anterior (BARROS; LINS, 2021); esse estudo tratou sobre a leitura de livros de literatura de forma mais ampla, não especificamente abordando os volumes da *Imaginário Gótico*. Após o primeiro estudo, notamos a necessidade de combinar o enunciado das perguntas às interpretações que pudemos coletar com a ferramenta analítica aplicada aos livros durante a primeira fase da pesquisa para tornar as perguntas mais próximas à intenção de nossa pesquisa. Abaixo, demonstramos como conduzimos a atualização das perguntas através de um exemplo:

Tabela O1. Exemplo da atualização recebida pelas perguntas da entrevista.

Grupo temático	Pergunta antiga	Pontos levantados com a ferramenta analítica	Pergunta reformulada	Elementos do Diagrama
Materialidade (componentes visuais do livro, como ilustrações, vinhetas e estilos de tipografia) Imersão (envolvimento do leitor com a leitura e as conexões que ele identifica entre o visual e o textual)	Logo que um livro é tomado nas mãos, o que desperta maior atenção naquela edição? Quais componentes físicos são percebidos? O que desperta seu interesse pela leitura?	Pudemos identificar que é possível levantar variadas interpretações para os componentes visuais dos livros quando eles são relacionados ao contexto histórico ou ao contexto de produção, por exemplo. O sentido original desses componentes pode ser modificado quando são associados ao conteúdo textual, principalmente quando pensamos nas ilustrações, que, no caso da <i>Imaginário Gótico</i> , são resgatadas das edições originais dos livros.	No primeiro contato com os livros da coleção, quais elementos da capa despertaram sua atenção? Antes de ler, o que você acha que eles representavam na história? Após ler, a sua hipótese foi confirmada ou negada?	Sujeito, artefato

Com esse novo direcionamento, produzimos nove perguntas direcionadas aos leitores. Procuramos evitar enunciados que poderiam trazer respostas sucintas como “sim” ou “não”, buscando estimular respostas mais discursivas. Para nos auxiliar nesse ponto, organizamos cada bloco em uma pergunta primária seguida por perguntas secundárias, como demonstramos no exemplo acima, na pergunta reformulada.

Com as questões em mãos, pudemos partir em busca dos leitores da coleção. Consideramos ser de nosso interesse que os entrevistados tivessem apoiado ao menos um dos livros da coleção no financiamento

coletivo, por entendermos que as metas estendidas, desbloqueadas conforme o apoio feito por cada leitor na campanha, resultam em acréscimos de conteúdo nos livros, de forma que a ação ativa do apoiador impactaria no livro final. Também consideramos ser necessária a conclusão

prévia da leitura de ao menos um dos volumes, porque, nas perguntas, indagamos sobre o vínculo percebido entre o conteúdo textual e o conteúdo visual do miolo/capa. Para chegar aos leitores que atendessem tais critérios, produzimos um formulário que inclui informações demográficas e pergunta se 1) houve participação no financiamento coletivo e 2) quais leituras foram concluídas. Ao final, o formulário convida o sujeito a participar da entrevista, destacando que a colaboração com essa etapa não é obrigatória. O link para o formulário foi enviado para a Editora Sebo Clepsidra, que o compartilhou com os leitores e, assim, pudemos chegar aos primeiros participantes da entrevista.

Identificar os leitores que se dispuseram a contribuir com a etapa de entrevistas nos permitiu conduzir um piloto para testar as perguntas que propomos em nosso estudo. Os participantes receberam por e-mail um termo de consentimento e uma sugestão para horário e data; com isso, realizamos as entrevistas por videoconferência no Google Meet, com duração média de 50 minutos, e registramos as conversas através do software OBS Studio. Abaixo, trazemos o perfil dos leitores entrevistados; em seguida, temos parte da análise e da discussão das informações levantadas nas entrevistas.

Tabela O2. Perfil dos leitores entrevistados. Enumeramos os livros de acordo com a ordem de lançamento.

Sujeito	Idade	Gênero	Escolaridade	Residente em:	Projetos apoiados:	Livros lidos:
S1	28	Masculino	Mestrado	PE	Vol. 2-4	Vol. 2-4
S2	37	Masculino	Superior	SP	Vol. 1-4	Vol. 1-2
S3	39	Feminino	Especialização	RJ	Vol. 2-4	Vol. 1
S4	48	Masculino	Superior	RJ	Vol. 1-4	Vol.1-4
S5	27	Feminino	Superior	PA	Vol. 3-4	Vol. 4
S6	45	Masculino	Especialização	ES	Vol. 2-4	Vol. 1-3
S7	32	Masculino	Superior	RJ	Vol. 1-4	Vol. 1-4

O tratamento das informações foi iniciado com a 1) transcrição das entrevistas, que possibilitou o 2) agrupamento das respostas nos grupos temáticos que citamos na seção anterior. Ao reunirmos as respostas nos grupos temáticos, percebemos que seria possível gerar categorizações para viabilizar nossa discussão, então 3) cada grupo temático foi conectado a uma categoria específica, que extrai da resposta pontos relacionados ao propósito do grupo temático. Os elementos do Diagrama de 2ª Geração e uma nuvem de palavras, que utilizamos para conduzir a análise do conteúdo das respostas, são categorias comuns aos dois grupos. A organização que utilizamos aqui complementa a sistematização que utilizamos em nosso primeiro estudo sobre a experiência de leitura e se baseia no modelo de análise de Baptista (2019), que foca na relação entre sujeitos e artefatos a partir da Teoria da Atividade e dos elementos do Diagrama de 2ª Geração do Sistema de Atividade. Abaixo, destacamos os procedimentos que utilizamos nessa etapa da pesquisa:

Tabela 03. Procedimentos utilizados no tratamento das informações levantadas com a pesquisa.

Nos baseamos em Baptista (2019) para o tratamento das informações.

Grupo temático	Categorias	O que a categoria contém
Materialidade	Caracterização visual	Como os elementos visuais são identificados pelos leitores
Imersão	Conexões visuais x textuais	Quais associações são feitas pelos leitores entre o visual e o textual
Materialidade, Imersão	Nuvem de palavras	Análise do conteúdo das entrevistas a partir de termos recorrentes
Materialidade, Imersão	Elementos do Diagrama	Visualização contextual das respostas a partir dos Elementos do Diagrama de 2ª Geração

A seguir, trazemos um recorte das falas dos leitores obtidas com as entrevistas. As respostas estão divididas em tópicos que indicam o grupo temático, as categorias, as nuvens de palavras e os elementos do diagrama.

4. A PALAVRA DOS LEITORES: IMPRESSÕES SOBRE A COLEÇÃO

MATERIALIDADE: CARACTERIZAÇÃO VISUAL

Foi comum citar cor e imagem de cada volume como elementos de destaque na capa; alguns leitores também mencionaram a coerência interna do layout ou a lombada como a parte visual que mais chamou atenção. Cor e imagem ocupam a maior parte da superfície da capa e, por isso, compreendemos a correspondência entre o destaque atribuído pelos leitores a esses elementos como consequência do espaço ocupado pelos componentes na capa.



Figura 01. Capas dos livros da coleção conforme ordem de lançamento. Há predominância de cor e imagem nas capas. Fonte: Elaboração própria a partir de acervo pessoal.

Na capa, a coleção propõe uma ideia de unidade vista especialmente nos elementos visuais comuns a todos os livros, além do tipo de ficção trabalhada por todas as obras. Possibilidades mais direcionadas à experimentação da materialidade física do livro como forma de indicar uma unidade não chegaram a ser mencionadas, de forma que a unidade identificada entre os componentes visuais foi mais citada pelos leitores em termos de “padrão”, atribuído à repetição de elementos visuais da capa ou nas dimensões mantidas em todos os livros.

Além da capa, o miolo dos livros também possui ilustrações. Os leitores comentaram sobre o papel das figuras na experiência de leitura – e as respostas variam bastante de leitor para leitor. Um dos leitores relata que gosta de ilustrações porque às vezes há dificuldade em imaginar os eventos contados pelo texto e a representação visual ajuda a ter mais detalhes sobre as cenas. Outros leitores comentam que a ilustração pode ambientar/situar o leitor, em uma espécie de mergulho na obra, ou que

gostariam de mais ilustrações nos livros. Por outro lado, tivemos participantes que situam as ilustrações em segundo plano diante do texto, como não essenciais em livros de leitura contínua, embora considerem que elas engrandecem a experiência de leitura, ou que gostam da presença de ilustrações, mas só quando elas têm um sentido quando comparadas ao texto. Essa ideia de comparação entre o visual e o textual abre espaço para a nossa próxima categoria.

5. IMERSÃO: CONEXÕES VISUAIS X TEXTUAIS

Quando perguntados sobre as associações feitas entre os elementos da capa e o texto, os leitores diferenciaram *O Aparicionista* em relação aos demais livros: o entendimento sobre o que a pintura da capa representa na história não foi tão imediato quanto nos outros volumes da coleção, de forma que o sentido dela se torna mais claro conforme a leitura do conteúdo textual. Ao longo da entrevista com S3, consideramos que seria possível identificar uma ideia de progressão no vínculo figura x texto observado nas capas conforme a ordem de lançamento dos livros da coleção, partindo do volume em que isso pareceu menos nítido em um primeiro momento e caminhando até a edição na qual a conexão foi percebida de forma mais instantânea.



Figura 02. Imagens das capas. A pintura de *O Aparicionista* representa um momento específico dentro da história, diferente das demais, que apresentam a ideia geral de cada história. Fonte: Elaboração própria a partir de acervo pessoal.

No miolo, as conexões compreendidas pelos leitores entre as ilustrações e texto foram mais amplas. Para um dos participantes, as ilustrações nos li-

são *capa, padrão, imagem, texto e coleção*. Eles estão relacionados à ideia de unidade visual comentada pelos leitores que citamos anteriormente; nas falas, os participantes demonstram afinidade pela repetição dos elementos visuais nos livros. Embora os leitores não tenham mencionado a exploração da materialidade física como uma possibilidade para a construção de uma ideia de unidade, podemos observar na coleção *Particular*, da editora Cosac Naify, que a união pode ser trabalhada como forma de extrapolar o objeto livro: a noção de conjunto, nesse caso, surge do tipo de acabamento recebido distintamente pelos livros: *cada obra tem o seu formato, seu projeto gráfico específico, seus aspectos formais singulares (...) têm como objetivo explorar a relação entre forma e conteúdo* (OLIVEIRA, 2016, p. 71). A abordagem *visível*, usando o termo de Camargo (2016), adotada para a materialidade dos livros, é o fio que conecta cada volume da coleção, ao lado da noção de clássico da literatura ocidental, presente em cada edição integrante desse conjunto. Dentre as possibilidades para o trabalho no design de livros, compreendemos que essas soluções projetuais estão a cargo das necessidades observadas por cada editora para o design dos seus livros e também entendemos que as impressões sobre unidade coletadas nas entrevistas estão a cargo de repertórios e vivências, preferências e hábitos dos leitores.



Figura 04. *Bartleby, o Escrivão*, segundo volume da *Coleção Particular*. O livro tem costuras em suas duas laterais e as páginas não são refileadas. O projeto gráfico constrói obstáculos para a leitura, refletindo a postura do personagem Bartleby. O adesivo fixado no plástico que embala o livro adapta uma das frases repetidas por Bartleby: “acho melhor não”. Fonte: Adaptado de Oliveira (2016).

Na nuvem do grupo temático **imersão**, conseguimos identificar *capa*, *aparicionista*, *imagem*, *sentido* e *texto* como as palavras que mais se repetiram nas falas. Elas estão associadas às impressões dos leitores sobre a pintura na capa do livro *O Aparicionista*, que não parecia mostrar uma conexão tão clara com o conteúdo textual num primeiro momento. Mas a própria ideia do vínculo visual x textual julgado como não exatamente explícito pode ser compreendida como um estímulo às interpretações do leitor para aquele livro, colocando-o em uma posição de autonomia para buscar o significado de algo que não foi imediatamente percebido por ele. Aqui, nos apoiamos em Dalcin (2020) para conduzir esse raciocínio. Embora a autora trate de livros ilustrados – e, aqui, temos um conjunto de livros com ilustrações – encontramos correspondência na leitura de imagens e sua articulação com o texto conforme ela cita:

Ao notar que a imagem não “traduz” aquilo que está escrito pela palavra, a atenção parece alterar a forma de ler:

o olhar não mais desliza linearmente por entre as linhas (...) ele parece saltar entre a mesma página ou entre diferentes páginas, num movimento de ida e volta do olhar (...) de comparar informações entre ilustração e palavra, de buscar pistas, estabelecer conexões, levantar hipóteses e, constantemente, revisá-las, sempre no jogo entre texto e imagem (p. 88).

Acreditamos que essa curiosidade instigada por uma conexão entre texto e imagem não percebida, logo de início, com clareza, funciona como um recurso para atribuir ao leitor um papel mais dinâmico e menos estático na atividade de leitura. Finalizando nossa sistematização, abaixo mostramos como os pontos que levantamos em nossa pesquisa podem ser compreendidos dentro do Diagrama de 2ª Geração do Sistema de Atividade.

7. ELEMENTOS DO DIAGRAMA DE 2ª GERAÇÃO DO SISTEMA DE ATIVIDADE

Trazemos o diagrama como forma de representar, de forma contextual, o que está envolvido na materialidade e na imersão, aspectos da atividade de leitura que abordamos na pesquisa. Ele também permite visualizar um retrato geral do que foi alcançado (e estimulado) pelas perguntas, e, com ele, mantemos a coerência teórica entre a organização das respostas e a própria elaboração das perguntas, que fizemos levando os elementos do diagrama em consideração. Aqui, utilizamos o modelo hexagonal do diagrama, proposto por Baptista (2019), como forma de facilitar a visualização dos elementos e suas conexões, que se comunicam igualmente dentro do Sistema.

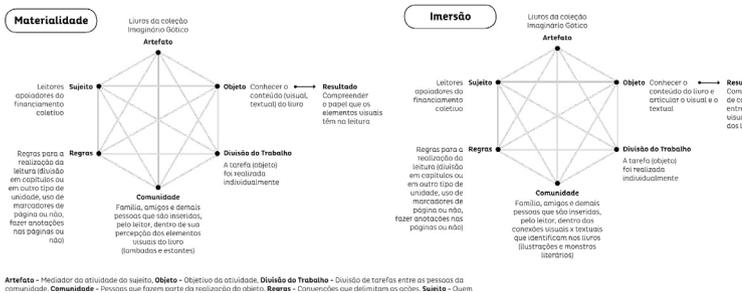


Figura 5. Diagramas dos grupos materialidade e imersão. Fonte: Elaboração própria a partir de

Baptista (2019).

O **objeto** se relaciona à intenção do grupo temático, apresentada aos leitores na forma de perguntas, e não à atividade de leitura, em um nível mais amplo. Organizamos dessa forma por entendermos que a atividade de leitura possui suas especificidades e nossa análise se deteve nas partes integrantes dela, os grupos temáticos, como forma de viabilizar o estudo por meio de grupos e categorias. No diagrama da materialidade, no elemento **comunidade**, citamos *lombadas* e *estantes*, termos que aparecem na nuvem de palavras da materialidade, por percebermos que, quando os leitores comentam sobre colocar os livros em uma estante, a intenção deles envolve não somente uma satisfação própria ao ver as lombadas, em um sentido de colecionismo, mas também por observarmos que parece ser importante para os leitores que as lombadas sejam vistas pelas pessoas próximas a eles, como parte da sensação de satisfação. Já no diagrama da imersão, em **comunidade**, mencionamos *ilustrações* e *monstros literários*, que também aparecem na nuvem de palavras da imersão (*ilustrações* são também chamadas de *imagens* pelos leitores; os monstros são designados pelo nome/tipo, como *fantasma* ou *vampiro*) por percebermos que, ao falar sobre as conexões entre ilustração e texto, os leitores costumam citar pessoas que possuem opiniões contrárias às deles para ilustrar suas interpretações, seja por um estranhamento em

relação ao tema das histórias (“eu até falei pra um amigo meu que não gosta dessas histórias: ‘ei, comprei um livro, *Fantasmagoriana*’, ele olhou pra capa, viu o nome, ‘credo!’ [S6]) ou pela presença de imagens em livros de leitura contínua (“tem gente que odeia ler livro com figuras, porque acha que vai mexer na imaginação, né? Então, eu tenho uma visão completamente diferente: pra mim, quanto mais figura tiver eu tiver, de mais diferentes autores, melhor assim” [S2]). Abaixo, trazemos nossas últimas considerações sobre a pesquisa.

8. APONTAMENTOS SOBRE A PRIMEIRA CONSULTA AOS LEITORES DA IMAGINÁRIO GÓTICO

Tivemos a intenção de compreender como os leitores da *Imaginário Gótico* interpretaram a relação entre os elementos visuais e textuais integrantes dos volumes da coleção. Optar pelo uso da entrevista nos possibilitou perceber certos aspectos que talvez não seriam tão capturáveis em ferramentas como um formulário, mas sim a partir do depoimento vivo dos participantes. Aqui, também abrimos espaço para observações sobre a condução das conversas.

Ao compreender o livro como um artefato multimodal, como nomeado por Lacerda e Farbiarz (2021), identificando-o como portador de uma narrativa constituída a partir da conciliação entre o texto literário, ilustrações e projeto gráfico, conseguimos perceber as distintas esferas envolvidas na construção dele. À princípio, citar apenas a palavra “livro” nas entrevistas talvez remeta a algo mais amplo e demande um direcionamento mais específico sobre qual parte dele estamos tratando: o design. Buscaremos destacar essa especificidade nas entrevistas posteriores. Também entendemos que utilizar a Estrutura Hierárquica da Atividade e os Elementos do Diagrama de 2ª Geração na construção das perguntas e no tratamento das informações permitiu compreender a atividade de

leitura mediada pelo livro em um nível contextual e demonstrar certas esferas que influenciam nas interpretações trazidas pelos leitores. Em relação a nosso primeiro estudo sobre a experiência de leitura, mudamos a plataforma que gera a nuvem de palavras para uma outra que possibilita visualizar não só termos individuais, mas também expressões que utilizam mais de uma palavra.

Quando pensamos nos aspectos não diretamente mencionados pelos leitores (como a exploração da materialidade física enquanto unidade), também cabe refletirmos se a intenção de levantar essa possibilidade de interpretação foi apresentada por nós de forma compreensível ao longo do diálogo com os leitores ou não. Consideramos que a exposição desse tema poderia ser feita de forma mais clara, mesmo através da fala ou contando com a apresentação visual de alguns exemplos.

Por fim, também pensamos que a própria experiência de leitura, descrita em palavras, encontra suas limitações. Buscar os termos entendidos como mais adequados para compor a fala no momento do diálogo implica em um condicionamento do que ocorreu a uma palavra; o sentido do que se quer dizer é limitado pelo que a própria palavra consegue falar. A experiência real não é reconstruída em sua totalidade. No lugar dela, há termos que buscam representá-la, ainda que não capturem o momento de leitura em sua totalidade. Temos, então, o registro possibilitado pela tentativa de reconstrução feita pela fala, que pode nos fornecer pistas sobre como ocorreu, de fato, o contato com o livro. Mesmo a própria situação de estar em uma entrevista, ocasião que pode ser vista com uma certa formalidade, pode impactar na forma que os eventos são contados no diálogo.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C.; NOJIMA, V. L. dos S. **As narrativas do design de S. – O navio de Teseu**. In: Anais do Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 13, 2018, Joinville. São Paulo: Blucher, 2019, p. 3091-3105. DOI 10.5151/ped2018-4.2_ACO_11
- BAPTISTA, T. A. A. de A. **A [TRANS]FORMAÇÃO DOS ARTEFATOS: um estudo sobre a contribuição dos aspectos históricos da Teoria da Atividade para o Design**. 2019. Tese [Doutorado em Design] – Departamento de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife
- BARROS, L. L. de; LINS, G. R. S. Sobre livros e leitores: desenvolvimento de instrumento para apuração de significados pertinentes à atividade de leitura. In: **Anais do I Seminário de Pesquisa PPGDesign**. São Paulo: Blucher, 2021, p. 37-49. DOI: 10.5151/isspppgdesign-04
- CAMARGO, I. P. de. **O livro de literatura: entre o design visível e o invisível**. 2016. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, M. S. de. **Livro de imagem e palhaço mímico: narrativas sem palavras? Estudo sobre a construção narrativa por imagem**. 2012. Dissertação (mestrado em Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- DALCIN, A. R. O livro ilustrado de literatura infantil no Brasil: Histórias, concepções e transformações. **Linha Mestra** – Associação de Leitura do Brasil (ALB), v. 14, n. 40, p. 80 – 94, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2020n40p80-94>
- ENGESTRÖM, Y. **Learning by expanding: an activity-theoretical approach to developmental research**. 1987. Tese (doutorado). University of Helsinki, Helsinki.

FARIAS, P. L.; FONTANA, C. F. A linguagem gráfica das capas de coleções da Livraria José Olympio Editora no decênio de 1930: uma análise baseada em princípios do design da informação. In: **Anais do Congresso Internacional de Design da Informação**, 9, 2019. São Paulo: Blucher, 2019, p.

2281-2296. DOI 10.5151/9cidi-congic-5.0192

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002

LACERDA, M. G.; FARBIARZ, J. L. Design na Leitura e multimodalidade: complexidade gráfica na formação visual do leitor. In: **Anais do 10º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2021 e do 10º CONGIC | Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação**. São Paulo: Blucher, 2021, p. 485-498.

DOI:10.5151/cidicongic2021-037-357572-CIDI-Educacao_a.pdf

LEONTIEV, A. N. The Problem of Activity in Psychology. In: Wertsch, J.V. (org). *The Concept of activity in Soviet psychology*. New York: M. E.Sharpe, 1981, p. 37 – 71.

OLIVEIRA, G. A. F. **O design na construção do livro**: a Coleção Particular da editora Cosac Naify. 2016. Dissertação (Mestrado em Design) – Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

; WAECHTER, H. da N. A construção de significados por meio do projeto gráfico: uma análise dos livros *Avenida Niévski* e *Notas de Petersburgo de 1836*, da editora Cosac Naify. In: **Anais do Congresso Internacional de Design da Informação**, 9, 2019. São Paulo: Blucher, 2019, p. 333-345. DOI 10.5151/9cidi-congic-1.0327

SOARES, L. A. **Uma editora só para si**: feminismo e edição independente no Brasil contemporâneo. 2020. Dissertação (mestrado em Edição de Texto) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

TODOROV. T. **As estruturas narrativas**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2006

AUTORES

LETÍCIA LIMA DE BARROS

<http://lattes.cnpq.br/9566920325088153>

Designer de Produto pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), mestranda em Design da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e integrante do Grupo de Pesquisa Integrada em Design e Computação (D+C UFPE).

leticia.lima@ufpe.br

GUILHERME RANOYA SEIXAS LINS

<http://lattes.cnpq.br/1249288637916190>

Professor do departamento de design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor do Programa de Pós-Graduação em Design (PPG-Design) da UFPE na linha de Design da Informação; Coordenador do Laboratório de Visualização e Sentidos do Nordeste (VISSE); Líder do Grupo de Pesquisa Integrado em Design e Computação (D+C) e colaborador do Grupo de Pesquisa, Experimentação e Inovação em Arte, Tecnologia e Criatividade (Mustic) Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (FAU-Mack) Especialista, mestre e doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Iniciou atuação profissional com design de multimídia e web em 1996.

guilherme.ranoya@ufpe.br
